

### COMO SE ESCOLHE UMA PROFISSÃO?

O mundo mudou: estar bem informado ou seguir modelos familiares não garante uma opção vocacional acertada

Silvio Duarte Bock

“O que você vai ser quando crescer?” Infelizmente poucos jovens, no Brasil de hoje podem se fazer esta pergunta. As crianças carentes, que sonham em ser médicos engenheiros, advogados e dentistas, ao começar à adolescência, começam a procurar empregos de babá, faxineira e office-boy. Numa idade que para os mais abastados é começar a sonhar, para os pobres é parar de sonhar e começar a lutar pela sobrevivência. Deixar para lá algumas questões básicas da adolescência, como: o que eu gostaria de fazer? O que me realizaria mais? Qual a contribuição do meu trabalho para melhorar a sociedade?

Mas para aqueles adolescentes a quem é permitido sonhar, o processo da escolha também não é fácil. Alguns imaginam que num dia acordarão definidos, outros que "vai pintar" uma luz em algum momento, outros procuram soluções mágicas, outros ainda pedem para que terceiros - tais como pais ou professores - decidam por ele. Há os que seguem as profissões da moda, ou as profissões que seu grupo de amigos pretende abraçar.

Na verdade, nenhum dos jeitos acima é a melhor saída. A única forma realmente adequada para escolher uma profissão é pensar, e pensar bastante. Pensar em vários aspectos que envolvem esta importante decisão. Por exemplo, conhecer o maior número possível de possibilidades, para que nenhum profissão fique de fora por desconhecimento. Se informar sobre as profissões,

através de leituras e conversas, para fazer a opção calcada na realidade e não em distorções e fantasias. Desenvolver o autoconhecimento, isto é, conhecer-se no que "se foi" e no que "se é", para projetar no futuro quem se pretende ser. Informar-se a respeito de como se "adquire" uma determinada profissão qual a escolaridade exigida, quais cursos preparam o profissional e qual o custo da formação. Ficar por dentro de todas as transformações que estão acontecendo na organização do trabalho em decorrência da globalização da economia e da introdução de novas tecnologias nos modos de produzir.

Mas, mesmo estando bem informado, ainda assim não se chega lá. Escolher é ter que optar por uma dentre algumas possibilidades. Possibilidades essas que até podem ser igualmente atraentes, mesmo que por motivos diferentes. Assim, a escolha pressupõe a existência de dúvidas, de conflito, de modo que escolher significa, em última análise, **resolução do conflito**. Escolher significa, também, não só correr riscos, mas lidar com a **perda**. Sempre que se decide por uma escolha, também se decide o que se vai perder. Com todas essas dificuldades tanto racionais quanto emocionais não se pode negar que este tipo de escolha representa um **ato de coragem**.

A idéia da escolha como um ato de coragem questiona concepções antigas em orientação vocacional. Contesta a noção de que haveriam "formas" pré-estabelecidas às quais o jovem deveria se encaixar, pois sua felicidade e seu futuro estariam

em jogo caso não encontrasse o enquadre perfeito. A vocação não pode mais ser entendida como atributo inato (ou mesmo adquirido, mas cristalizado a partir de uma certa idade), que direcionaria o adolescente para determinada ocupação. Este conceito, definido pelos dicionários como "chamamento", "predestinação", hoje está sendo questionado pela realidade mutante do mercado de trabalho: cada vez mais o indivíduo deve se apresentar "poli-apto" se quiser concorrer no mercado com igualdade de condições. Cada indivíduo é único, assim como as suas capacidades, que estão em construção permanente, e por isso podem ser aperfeiçoadas e até mesmo modificadas. Ninguém nasce para determinada profissão: todos os indivíduos, a princípio, estão em condições de aprender as habilidades necessárias para qualquer profissão.

Numa sociedade tecnologicamente cada vez mais complexa e mutante, e com mercado de trabalho cada vez mais competitivo, a escolha profissional não é uma tarefa fácil para o adolescente. Vencer este desafio exige do jovem uma reflexão criativa sobre o "eu no mundo" - a sua singularidade frente à realidade externa. Como educadores, não basta sermos somente fonte de informações. Como pais, não podemos mais esperar que os filhos alcancem a felicidade seguindo os nossos modelos. Só estaremos ajudando os adolescentes no intrincado desafio da escolha vocacional se respeitarmos profundamente todos os seus passos no caminho a uma escolha livre e consciente.